

Índios

Indevidamente contatados por missionários, esses 130 tupis podem contrair doenças do homem branco.

Depois de ter sido picado por uma cobra, o índio Toinpu, que aparenta ter 40 anos, não foi mais capaz de andar. Apresentava uma ferida profunda e necrosada no local da picada. Provavelmente já teria morrido não fosse a cirurgia feita na própria maloca e as doses maciças de antibióticos e vitaminas que passou a tomar nos últimos dias. Toinpu é um dos últimos 130 índios de uma tribo Tupi que vive em três aldeias numa área de difícil acesso, 270 quilômetros ao norte de Santarém, no Pará. Os médicos e enfermeiros que operaram Toinpu e os remédios que ele está tomando agora chegaram de helicóptero, numa tentativa da Funai de salvar um dos últimos grupos indígenas ainda isolados do Brasil, que vivem de forma totalmente primitiva.

Contatados há seis anos — sem autorização da Funai — pela missão religiosa Novas Tribos do Brasil, ligada à entidade New Tribes, dos Estados Unidos, estes índios Tupi usam preso no lábio inferior um "toru", botoque comprido talhado em madeira clara. Eles têm assistido, espantados e eufóricos, à chegada dos helicópteros. E nem desconfiam que não é dos melhores o relacionamento entre os missionários e o sertanista Sidney Possuelo, responsável pela Coordenadoria de Índios Isolados da Funai. "O contato com estes índios era totalmente dispensável, diz o sertanista, que agora quer tirar os missionários da região e implantar um posto da Funai para dar assistência ao grupo. A aproximação feita pelos missionários, segundo Possuelo, só se justificaria com a construção da rodovia perimetral Norte. Mas a obra está parada e os índios não sofrem ameaças nesse sentido.

Possuelo se irrita com a ação dos missionários que pretendem "levar a palavra de Deus aos índios", como afirma o norte-americano Paul Nagell. Ele é um dos 15 missionários que atuam junto a este grupo que vive na região do rio Cuminapanema. "O índio tem universo religioso que precisa ser respeitado", afirma Possuelo.

Milagre

O médico Marcos Antonio Guimarães, 15 anos de trabalho na Funai, encontrou os índios com algumas exceções, em bom estado de saúde, mas considera isso "um verdadeiro milagre".

"Os índios nem sequer receberam nesses anos a vacina tríplice, o BCG e a anti-sarampo. Eles podiam ter sido dizimados caso ocorresse algum surto. Índios isolados como esses não possuem anticorpos para combater doenças comuns e uma simples gripe pode assumir proporções dramáticas quando se alastra.

Guimarães critica não apenas a missão, mas também a Funai, que mesmo sabendo do contato nunca realizou uma operação de saúde na área. Para o médico, a falta de assistência da Funai a este grupo até hoje é uma "aberração".

Os missionários contam que nos contatos esporádicos com as três aldeias, que ficam a dois dias de viagem a pé da base da missão, sempre procuraram atender os índios, mas as vacinas nunca foram aplicadas por falta de condições de transporte — elas precisam ser conservadas no gelo.

Os índios já contraíram malária, não se sabe se na própria missão, onde aparecem em grupos, ou em contatos com castanheiros e garimpeiros que já começaram a aparecer nas imediações da área de dois milhões de hectares que a Funai interditou em 1987.

Mas nessa primeira operação o que mais chocou a equipe médica foram seis índios mordidos de cobra — jararaca e surucucu. Na aldeia maior, onde vivem 45 índios, dois tinham feridas profundas. Até hoje ou amanhã a equipe da Funai ficará na área, mas depois nada está garantido. "Se houver novas etapas de atendimento e reforço das vacinas, todo esse trabalho terá sido nulo", alerta Guimarães.

Sem bebês

Na operação, a equipe de saúde confirmou um dado constatado pelo sertanista Sidney Possuelo quando visitou pela primeira vez estes índios, há menos de dois meses. Não são vistas crianças com menos de um ano e aparentemente só três mulheres estão grávidas. "Quando os índios deixam de procriar" — preocupa-se o sertanista — "estão sofrendo algum tipo de ameaça à sua sobrevivência".

Ele acredita que a tribo já foi bem mais



A vida na aldeia: hábitos primitivos.



O botoque, no lábio inferior: adereço que atrapalha.

Uma expedição para salvar 130 índios das doenças do homem branco

Reportagem de Eliana Lucena, com fotos de André Dusek, enviados especiais da Agência Estado.



A caça: prática cada vez mais difícil na maior das três aldeias dos índios Tupi.

numerosa e a missão Novas Tribos confirma que pelo menos 20 morreram desde 1987. A missão não tem uma avaliação completa desde o contato, porque só a partir de 87 o grupo começou a aparecer com maior frequência na base "Esperança", mantida pelas Novas Tribos.

Os missionários norte-americanos e brasileiros instalados na base "Esperança" acham que estão sofrendo uma injustiça com as críticas ao seu trabalho no Cuminapanema. Queremos preparar esse povo para receber a civilização em nome da palavra de Deus e isso não é agredir a cultura indígena,

reage o missionário Paul Nagell. Há 12 anos, ainda nos Estados Unidos, ele largou as drogas e a vida de rebelde em Maryland e veio para o Brasil para trabalhar com os índios. "O trabalho está apenas começando, ainda não falamos de religião com os índios, pois não dominamos a sua língua" — expli-

ca. Joanne, sua mulher, conta que a missão poderá ficar ali por 20 anos, quando o índio terá absorvido esse novo deus em sua cultura.

A base tem uma pequena pista de pouso. Os alojamentos são de madeira, sem luxo; e a visita de um avião ocorre apenas uma vez por mês. O contato com Santarém é feito por rádio.

Os missionários não foram convidados a participar da operação de saúde e acompanham tensos o trabalho da Funai. "Será muito pesado para nós ter de sair daqui", desabafa Joanne. Segundo ela, "a missão não quer torcer o braço dos índios impondo uma religião". Este resultado vem aos poucos, garante, mudando alguns hábitos que os missionários consideram errados, como um índio ter mais de uma mulher.

A missão propôs recentemente convênio com a Funai, a exemplo de outros já firmados em áreas indígenas. Mas se depender do sertanista Sidney Possuelo, o convênio não será assinado. "A cláusula segunda desses contratos é bem clara e exclui a presença de missionários em áreas de índios isolados ou de contato com a sociedade nacional".

Encantados com gravadores e flashes. E sem medo dos brancos.

O helicóptero aparece na clareira, dá voltas, observa a área e finalmente desce devagar na roça de mandioca, espalhando poeira e folhas. Os índios, excitados, vão se aproximando. Fazem sinais e tentam se comunicar num dialeto difícil de ser entendido até pelo experiente sertanista João Carvalho, que conhece a língua de outros grupos tupis. Mesmo assim, algumas palavras podem ser entendidas, como "curumim", criança, "cunhá", mulher, "tipói", tipóia e "papá", fogo.

Mulheres e crianças tocam nos recém-chegados. Os homens rodeiam o helicóptero. Um índio jovem mais afoito não resiste: nu, sem arma de guerra, ele entra na cabine e fica esperando. Sua expressão é de ansiedade. Ele quer voar.

Esta cena tem se repetido nos últimos dias desde o início da operação de saúde no Cuminapanema. Nas três aldeias, separadas por algumas horas de caminhada, os índios receberam os brancos sem demonstrar receio. Na noite da última segunda-feira, houve uma festa na aldeia maior, marcando o ritmo da música com as bdrunas, os homens dançaram até de madrugada, tomando uma bebida fermentada feita de cajá-manga. Pela manhã foram horas de vômitos, num ritual que se repete em outras tribos.

Nesse primeiro contato com um grupo mais numeroso de brancos, os índios, que são do tipo longilíneo, observaram tudo atentamente e não se inibiram diante dos flashes, filmadoras e ficaram fascinados com o gravador. Quando descobriram a voz reproduzida começaram a cantar e, com gestos, pediam para ouvir a gravação.

A partir dos sete anos os índios passam a usar um botoque ainda não encontrado em tribos já contatadas. Um pedaço de pau com um diâmetro médio de 2,5 centímetros e 20 centímetros de comprimento é introduzido no lábio inferior através de incisão de alguns centímetros. O botoque compromete a oclusão dentária e não é retirado nem durante o sono. Quando se banham nos igarapés, os índios aproveitam para limpar o adorno com areia. As incisões nas crianças custam a cicatrizar.

As malocas cobertas de palha não são fechadas e abrigam muitas famílias. As mulheres — que usam um adorno de penas brancas na cabeça e uma coroa feita de palha — fazem o beiju, com a mandioca misturada com pimenta. Na aldeia maior a caça já está difícil. Os índios precisam caminhar quilômetros para caçar. O médico da Funai, Marcos Guimarães, diz que nessa aldeia os índios têm consumido proteína em quantidade insuficiente.

A carne levada pela equipe médica precisa ser vigiada. Os índios tentam sorrateiramente levar um pedaço para suas malocas. Quando conseguem, a carne é logo assada e consumida com avidez pela família.

Assunto para 30 procuradores: ecologia

Cerca de 30 representantes da Procuradoria Geral da República interromperam temporariamente seus processos e despachos, na tarde de ontem, para fazer algo pouco comum em sua rotina: discutir meio ambiente com o presidente da Associação Brasileira de Caça e Conservação, Cláudio Noschese, e com o capitão João Leonardo Mele, da Polícia Florestal de São Paulo. O debate foi convocado pela Associação Nacional dos Procuradores (Delegacia do DF) e pela Secretaria de Direitos Humanos e Difusos da Procuradoria Geral da República, com o objetivo de informar melhor os procuradores sobre certas questões ligadas à natureza, já que a Constituição alargou as atribuições do ministério público em relação ao meio ambiente.

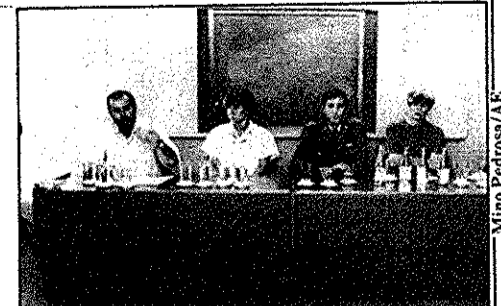
Cláudio Noschese disse que o mundo se defronta com a dicotomia de compatibilizar a geração de energia e a produção de alimentos e bens com "um certo número de natureza boa e viva". Segundo ele, vários países conseguiram encontrar a solução, mas o Brasil ainda não. Ele citou o caso da caça e deu o exemplo dos Estados Unidos. "Os EUA arrecadam, por ano, 300 milhões de dólares com a caça esportiva. São 20 milhões de caçadores; a cada ano há mais caça-

dores e a cada ano há também mais fauna." Noschese disse ainda que nos Estados Unidos a caça se submete a um programa de manejo. Se o Brasil tivesse a mesma arrecadação americana poderia implantar, por ano, cem parques nacionais com 85 mil hectares cada um.

O presidente da associação criticou as "receitas de uso da natureza" que o Brasil adota. Afirmou que o País não sabe usar seus recursos naturais e, para comprovar sua tese, mencionou a expansão agrícola: "Onde se planta arroz e feijão não tem bicho porque tiramos a casa do animal".

O capitão João Leonardo Mele criticou a Lei Fragelli, que considera a caça como crime inafianável porque ela não diferencia o caboclo que mata um tatu de uma empresa que joga tóxicos na água. Disse que essa lei deixou a Polícia Florestal, como órgão fiscalizador, numa situação "muito difícil".

O capitão disse também que muitas pessoas que falam sobre meio ambiente, hoje, no Brasil, não têm conhecimento do assunto. São pessoas, segundo ele, que fazem discursos sobre a mata sem sair da cidade. "São egologistas e não ecologistas; eles não pensam no meio ambiente e sim no meu ambiente".



Na palestra, aos procuradores, muitas críticas.

Uma reunião de presidentes em Manaus. Falando da Amazônia.

Os presidentes de sete países da região amazônica reunem-se a partir de hoje com o presidente Sarney, em Manaus, para discutir os problemas do meio ambiente na Amazônia e reagir às pressões internacionais que o Brasil vem sofrendo pela devastação da floresta. Vem os presidentes da Colômbia, Peru, Venezuela, Suriname, Guiana, Equador e um representante do presidente boliviano. Eles ficarão reunidos até domingo.

O Conselho Nacional de Meio Ambiente (Conama) rejeitou ontem, em reunião extraordinária, as principais medidas do programa Nossa Natureza. O órgão recomendou a retirada da condição de regime de urgência dos projetos de lei já encaminhados à Câmara dos Deputados, para que possam ser analisados pelas câmaras técnicas especializadas do próprio Conama.

O programa Nossa Natureza, constituído por dezenas de decretos, portarias, memorandos e sete projetos de lei, voltados para a proteção ao meio ambiente, recebeu duras críticas dos integrantes do Conama, que apontaram além dos problemas políticos criados, graves equívocos técnicos e legais.

As maiores críticas são dirigidas ao Projeto de Lei 2.008, que estabelece as principais linhas de uma política nacional de meio ambiente. O parecer, aprovado integralmente pelos conselheiros diz que este projeto de lei tem características "inad-

Conselho do Meio Ambiente desaprova o Nossa Natureza

missivelmente centralizadoras" e contém "algumas impropriedades técnicas e jurídicas indicadoras, talvez, de uma elaboração apressada e/ou insuficientemente sintonizada com as práticas e a expe-

riência ambiental". O representante da região Sul, Roberto Lange, propôs, em substituição ao programa Nossa Natureza, "uma consolidação das leis ambientais para reduzir a confusão de leis já existentes e facilitar o conhecimento público".

A redução de poderes do Conama, que pelo programa Nossa Natureza ficará subordinado a um conselho superior de meio ambiente, ligado ao presidente da República, foi considerada, no relatório da câmara técnica, "uma volta atrás no processo de elaboração de uma prática democrática conquistada pelo setor ambiental".

O presidente do Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis, Fernando César Mesquita, disse que o governo não é obrigado a acatar as sugestões do Conama.

Mimo Pedrosa/AF